

Apuração realizada pela Associação Paulista de Medicina aponta ainda que 96,6% admitem a possibilidade de faltar profissionais para o atendimento e mostra que 58,5% (entre médicos e equipe multidisciplinar) já foram vítimas de violência relacionada à pandemia; 64% dos médicos não foram testados para Covid-19

ACESSE A ÍNTEGRA DA PESQUISA [NESTE LINK](#).

A Associação Paulista de Medicina realizou, entre 15 e 25 de maio, nova pesquisa sobre os problemas e carências dos médicos no enfrentamento à Covid-19 e eventuais reflexos na assistência aos pacientes infectados. A amostragem contou com a participação de 2.808 profissionais de todo o País, respondendo espontaneamente a questionário estruturado on-line, via plataforma Survey Monkey.

Questões de relevância para a segurança do atendimento, para minimizar riscos aos médicos e aos pacientes, embasaram o levantamento. Por exemplo: indagados sobre a percepção que têm do isolamento social, a somatória de 75,3% respondeu bom e importante.

Talvez por conhecerem a fundo a realidade do novo coronavírus, os profissionais de Medicina não demonstram otimismo quanto ao futuro imediato em São Paulo e no Brasil. Ao contrário: 84,5% consideram ainda não atravessamos a pior onda da Covid-19.

Apenas 3,4% afirmam ser improvável faltar médicos para cuidar dos infectados. Os outros 96,6% admitem a possibilidade disso ocorrer, em variados níveis. Aliás, 46% dos que estão na linha de frente apontam que já faltam médicos e profissionais da Saúde nas unidades em que trabalham.

Outros dados preocupantes dizem respeito à integridade dos médicos: 58,5% já presenciaram ou souberam de casos de violência contra médicos e outros profissionais da Saúde por conta da pandemia. O mais grave é que 17% desses episódios são de agressão física.

64% dos médicos da linha de frente não foram testados para Covid-19. Quer dizer, são profissionais vulneráveis, assim como os pacientes que assistem.

Aos profissionais de Medicina, foi indagado também se a rotina de atendimento a pacientes e a percepção deles condizem com os números oficiais de casos divulgados pelas autoridades de Saúde, tanto de infectados quanto de óbitos. Foram 63% os que disseram que não.

Deficiências das mais diversas receberam apontamentos dos entrevistados pela pesquisa APM. 33% dizem que faltam máscaras N95, PFF2 ou equivalente (N99, N100 ou PFF3) nos hospitais em que atendem. Há carência de leitos para pacientes que precisam de internação em UTI (18%) e de leitos para os pacientes que precisam de internação em unidades regulares (12,2%).

Os médicos e profissionais da Saúde não estão trabalhando com estrutura física/insumos adequados e segurança na opinião de 50,3% dos que responderam ao levantamento e estão atendendo pacientes com Covid-19.

Somente 58,7% relatam que quando algum profissional da Saúde tem manifestações clínicas que possam ser atribuídas à COVID-19 ele é sistematicamente submetido ao teste para confirmação diagnóstica, em todos os lugares onde trabalham.

A população também sofre neste quesito: 39,4% dos médicos da linha de frente pontuam que só há testes para os pacientes com sintomas graves e 9,1% relatam não existir testes em seus locais de trabalho.

Entre os médicos que estão atuando no combate à pandemia, 22,3% dizem estar plenamente capacitados para atender os enfermos em qualquer fase da doença, inclusive quando graves, sob

tratamento intensivo.

Ainda sobre capacitação, fica clara mais uma deficiência do setor público: atualmente, 38,5% dos médicos da linha de frente recebem atualização científica dos hospitais, 38% têm acesso a conhecimento científico via associações médicas e 61,5% pesquisam diretamente na literatura médica. Já o Ministério da Saúde e as secretarias estaduais e municipais ficam no fim da fila com índices de 31,5%, 17,5% e 18,5%, respectivamente.

A propósito, a conceituação do Ministério da Saúde despencou após a saída de Luiz Henrique Mandetta. O ex-titular da cadeira tinha excelente aprovação na primeira edição da pesquisa da APM e parcos 5% de ruim e péssimo. Na pesquisa de agora, o MS teve 43,1% de ruim e péssimo - aumento de mais de 800% nas críticas.

Os médicos da linha de frente seguem apreensivos, pessimistas, deprimidos, insatisfeitos e revoltados - em uma somatória de 79,3%. Apenas 20,7% dividem-se entre otimistas (5,3%) e tranquilos (15,4%).

No período da pesquisa, 75,3% dos profissionais atendiam até cinco pacientes com suspeita e/ou confirmação diariamente. Outros 24,7% respondiam à desumana e arriscada carga de atender entre 6 até mais de 20 infectados por dia, em média.

Destes profissionais da linha de frente do combate à pandemia, 33,7% tiveram pacientes assistidos que vieram a falecer com suspeita e/ou confirmação da doença. Cerca de 7,3% já viram morrer entre seis até mais de 20 pessoas.

A despeito de estarem trabalhando muito mais e de colocarem todos os dias suas vidas em risco para atender ao próximo, os profissionais de Medicina relatam que tiveram queda de renda em razão da pandemia (85,2%), sendo que 37,6% acusam queda acentuada na remuneração.

Fonte: APM, em 01.06.2020